

OXIGÊNIO

ABRIL 2022



NÚMERO 32



LUIZ ZERBINI:
A MESMA HISTÓRIA
NUNCA É A MESMA

EDITORIAL

Para Luiz Zerbini “*a mesma história nunca é a mesma*”. É no sentido de reconstrução dessa história, do deslocamento do ponto de vista, que o artista apresenta sua primeira mostra individual – capa dessa edição – em um museu de São Paulo, sua cidade natal. Ressaltando o interesse de Zerbini pelos aspectos de outros sujeitos, sejam humanos, vegetais ou animais, as obras retomam narrativas apagadas das histórias brasileiras com o intuito de reconstruí-las a partir de novas imagens e protagonistas.

Mulheres que se veem sozinhas – com o roçado, os filhos e todas as obrigações do lar – enquanto os maridos viajam para a colheita do café ou da cana, chegando a passar meses ou anos longe: são as “*Viúvas de maridos vivos*”, obras do artista mineiro Leandro Junior, feitas com barro do Vale do Jequitinhonha.

No CCBB BH, “*Playmode*”, exposição coletiva internacional, transforma jogos em objetos de reflexão.

Na Casa França-Brasil (RJ), “*Van Gogh e seus Contemporâneos*” oferece ao público experiência digital única com a sensação de “adentrar” as telas do artista holandês.

A Pinacoteca de São Paulo apresenta “*Ayrson Heráclito: Yorubáiano*” e as feridas deixadas pela história colonial.

Já a Galeria Hayward, em Londres, exhibe “*The Woven Child*”, a primeira grande retrospectiva de Louise Bourgeois a focar-se exclusivamente no seu trabalho com tecidos e têxteis.

É a efervescência brotando mesmo com tantas pedras no meio do caminho.

Boa leitura!

ÍNDICE

04

OXIGENE: Em duas únicas apresentações no Rio de Janeiro, dias 1 e 7, Companhia Urbana de Dança apresenta “*Rota de Fuga*”, Prêmio Funarj 2021 | Fotógrafo Renan Cepeda inicia financiamento de nova edição do *Projeto Puna* | Vencedor de 14 prêmios, monólogo LIA estreia dia 1º no Teatro Dulcina (RJ) | Museu A CASA realiza oficina “*A Árvore Alinhavada*” com a artista paulistana Cristiane Mohallem

13

MATÉRIA DE CAPA – EXPOSIÇÃO: Luiz Zerbini – A mesma história nunca é a mesma

16

TURISMO: Lençóis – A exuberância da Bahia sem mar

25

As Viúvas de Maridos Vivos do artista mineiro Leandro Junior

30

Playmode, exposição coletiva internacional no CCBB BH transforma jogos em objetos de reflexão

34

Exposição multimídia e imersiva com obras de Van Gogh abre ao público dia 6 na Casa França-Brasil / RJ

38

A partir do dia 2, na Pinacoteca de São Paulo, *Ayrson Heráclito: Yorùbáiano* e as feridas deixadas pela história colonial

42

DIRETO DE LONDRES: Louise Bourgeois – The Woven Child

Jornalista Responsável: Vera Matagueira – MTB 16.742 | Editora: Ana Ligia Petrone

Correspondente em Londres: Maria Hermínia Donato

Colaboradora: Antonella Kann

(21) 3807-6497 / 97326-6868 | oxigeniorevistabr@gmail.com | www.oxigeniorevista.com

ANUNCIE, ENVIE SUGESTÕES DE PAUTA, COLABORAÇÕES, IMAGENS, PUBLIREPORTAGENS.



Duo Corrida

Foto: Jenner Sousa

EM DUAS ÚNICAS APRESENTAÇÕES NO RIO DE JANEIRO,
DIAS 1 E 7, COMPANHIA URBANA DE DANÇA APRESENTA
“ROTA DE FUGA”, PRÊMIO FUNARJ 2021

Pela primeira vez na história da internacional Companhia Urbana de Dança, fundada em 2004 pela coreógrafa e diretora Sônia Destri Lie, uma montagem foi criada de forma tão rápida. Em apenas 22 dias nasceu Rota de Fuga, o primeiro espetáculo inédito pós-pandemia, inspirado na vivência dos dançarinos que sentiram na pele a limitação de dançar durante este difícil período do coronavírus

O Prêmio Funarj foi anunciado em dezembro de 2021 e o resultado estará em cena em duas únicas apresentações, com preços populares, uma na zona norte, no Teatro Armando Gonzaga (01/04), e outra no centro, no Teatro João Caetano (07/04). Cinco integrantes, todos oriundos de comunidades do Rio de Janeiro, voltam aos palcos com uma nova experiência que revela as mudanças pelas quais passaram, sejam pessoais ou profissionais, e com um fator sem precedentes: driblando o ganho de peso – obtido durante os dois anos praticamente parados.

Em *“Rota de Fuga”*, a diretora Sônia Destri Lie assina a concepção e aposta em movimentos recheados de dramaturgia, sem exigências. O espetáculo é um trabalho de equipe. Desta vez partiu dos dançarinos que delimitaram a coreografia em conjunto, e que junto com Destri elaboraram a obra.

No palco, Miguel Fernandez, Tiago Sousa, Jessica Nascimento, Johnny Britto e Elton Sacramento (este, dançarino e assistente de coreografia do espetáculo) se transformaram em adultos que a enchem de orgulho – estão com ela há pelo menos 12 anos.

O público poderá assistir a um espetáculo de olhar despudorado sobre o momento pandêmico pessoal, em que durante o processo de criação foi se moldurando a falar muito mais do afeto do que do drama que a pandemia trouxe. *“Somos todos hoje ‘novos eus’, resultado dessa vivência, no isolamento, na desesperança, no medo”*, revela Sônia.

“Muitos bailarinos ficaram deprimidos, tiveram que mudar de casa, perderam a forma física. Foi um período difícil, mas nada que a gente não consiga resolver” – complementa a diretora da Companhia.

“Rota de Fuga” é o 15º espetáculo da Companhia Urbana de Dança. Não à toa, é uma referência em dança de rua dentro e fora do país, mesclando o talento nato dos dançarinos do asfalto com a técnica da dança moderna. Composta hoje por talentosos artistas afrodescendentes cariocas, a Cia. se destaca em todo o mundo, com sucesso de crítica e público, tendo conquistado importantes espaços na imprensa internacional.



Jessica e Elton

Foto: Jenner Sousa

Foi na estreia nos Estados Unidos, no *New York City Center*, em 2010, que o mundo se abriu para os cariocas. Esta apresentação teve uma grande importância na vida da Cia. Os críticos viram algo novo na mistura desenhada pelo grupo e se embebedaram nela: a dança brasileira contemporânea e o hip-hop de Destri se juntaram em uma só forma, com novo rigor. A coreógrafa traz de volta à sua profundidade emocional original, o alcance expressivo e a integridade poética.

SOBRE A CIA. URBANA DE DANÇA

Fundada no Brasil em 2004/2005 pelo bailarino Tiago Sousa e pela coreógrafa e diretora artística Sonia Destri Lie, a Companhia Urbana de Dança é um conjunto de artistas de rua que trabalha para fomentar a trajetória humana através da dança. A experiência de Destri viajando pela Europa para se aprimorar em teatro e cinema, a expôs às técnicas de hip-hop e b-boy.

A Companhia Urbana de Dança é hoje uma das mais conceituadas companhias do Brasil e do mundo. Realizando um trabalho minucioso de pesquisa das raízes culturais brasileiras e colocando esse material em diálogo com as tendências contemporâneas da dança urbana, produz um material cênico e coreográfico riquíssimo e potente. A companhia também é conhecida por ter feito a última abertura do Fantástico (TV Globo).

Os espetáculos trazem as identidades de seus bailarinos, suas referências e atitudes, um sotaque carioca, brasileiro e afrodescendente, ao mesmo tempo

traduzível aos outros países, inserindo-se afirmativamente no que há de mais contemporâneo em dança urbana. Colocam em destaque os talentos de jovens brasileiros negros e pobres na modernidade, numa postura afirmativa e pluralista.

SERVIÇO

Rota de Fuga - Cia. Urbana de Dança – Rio de Janeiro

Data: 1º de abril – sexta-feira

Horário: 16h

Local: Teatro Armando Gonzaga

Endereço: Av. Gen. Osvaldo Cordeiro de Farias, 511

Marechal Hermes

Ingressos: R\$1,00

Classificação: Livre

Data: 7 de abril – quinta-feira

Horário: 19h30

Local: Teatro João Caetano

Endereço: Praça Tiradentes, s/n – Centro

Ingressos: R\$10,00 (inteira) e R\$5,00 (meia)

Classificação: Livre

[@companhia_urbana_de_danca](https://www.instagram.com/companhia_urbana_de_danca)

<https://www.companhiaurbanadedanca.com.br/>

Vídeo:

<https://www.youtube.com/watch?v=9ACFfl4wD7o>





Imagem da edição anterior do projeto

FOTÓGRAFO RENAN CEPEDA INICIA FINANCIAMENTO DE NOVA EDIÇÃO DO *PROJETO PUNA*

A ecorregião da Puna é um bioma das pastagens e matagais de montanha, que se encontram na Cordilheira dos Andes Central. Estende-se pelo Altiplano do Peru, da Bolívia e do Chile e pelo norte da Argentina. É a denominação das áreas acima de 4.000 metros de altitude onde vivem camponeses desde tempos remotos, que podem montar algumas milhares de anos. São chamados de "Pastores de Puna" e descendem de uma

das civilizações mais antigas do ocidente, que se desenvolveu desde a costa do Pacífico até a Cordilheira dos Andes, formando ao longo de milênios a Civilização Inca a partir do século XII.

O fotógrafo Renan Cepeda começou o "*Projeto Puna*" pela região de Cusco, Chinchero e Ocongate em 2009 e também pelos parques de Huaraz, mais ao norte.

Esse trabalho já esteve exposto em individuais no Rio e em Amsterdã. Algumas fotografias fazem parte de coleções privadas e públicas, como a do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Dessa vez, Cepeda pretende lançar seu olhar para uma região mais ao sul do país.

Renan afirma que *“Arequipa é a cidade mais bonita do Peru e a mais organizada. Tem um centro histórico com arquitetura colonial muito bem preservada e três vulcões imponentes ao seu redor, oferecendo muitos cenários oníricos para fotografias de paisagens.”*

“Minha incursão, além da cidade, terá como foco a região do Valle del Colca, o mais profundo do Planeta, considerado das paisagens mais impressionantes do continente, que serão fotografadas em infravermelho. O Colca é o viveiro do condor, a maior ave das Américas”, esclarece o fotógrafo.

A Altitude em alguns pontos pode chegar a quase 4.000 metros acima do nível do mar. São 14 vilarejos na região, em que habitam populações aimaras e quéchuas. Estão programados alguns retratos realizados à noite em *light painting* de camponeses e suas casas, descendentes diretos dos povos pré-hispânicos.

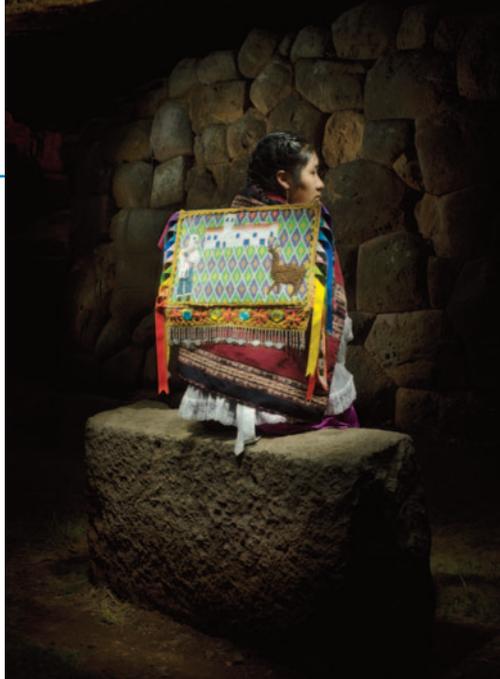


Imagem da edição anterior do projeto

O FINANCIAMENTO

Esta e outras fases do projeto PUNA estão sendo financiadas através de venda antecipada de quotas, cujos valores são muito inferiores ao de vendas em galerias que representam Cepeda.

A proposta é que o investidor adquira uma ou mais cotas dentre várias opções. Consultar:

<https://artsoul.com.br/revista/eventos/renan-cepeda-inicia-financiamento-de-nova-edicao-do-projeto-puna>

Logo após o regresso da viagem do fotógrafo, o cotista poderá escolher, dentre cerca de 25 trabalhos produzidos e editados, a(s) fotografia(s) de sua preferência, que serão impressas por pigmentos minerais em papel museológico de algodão, assinadas e numeradas.

Data de embarque: 31 de março; Data de retorno: 25 de abril; Disponibilização do material para escolha: 27 de abril; Entrega a domicílio em até cinco dias após a escolha do cotista.

Veja os trabalhos já produzidos do Projeto PUNA em renancepeda.com/puna

Contato para informações e reservas:

contato@artsoul.com.br ou (11) 97283-9009

Vencedor de 14 prêmios, monólogo LIA estreia dia 1º no Teatro Dulcina (RJ)



Foto: Folder de divulgação

Escrito por Hugo Andrade e com direção de Tárliá Laranjeira, o monólogo conta a história de uma senhora interiorana, que, por meio de suas lembranças, narra sua vida ao lado de Lia, sua filha com paralisia cerebral

Entre rupturas e batalhas, o público compartilha o modo de vida sertanejo e se emociona com a aventura humana e sensível da personagem, movida pela fé e pelo amor aos seus. O espetáculo aborda temas importantes e necessários, como o suicídio, o preconceito e a dor da perda. Sempre de uma forma sensível e humana, as personagens e suas histórias conseguem acessar memórias afetivas do público.

Lia traz em seu texto alguns pensamentos da contista e poetisa goiana, Cora Coralina. Vale lembrar que Cora era do interior e também trazia nas suas escritas suas histórias pessoais. A peça explode em cada um, de dentro para fora, resgatando memórias e o passado, tudo absolutamente legitimado. Todos se emocionam, é possível ver olhos lacrimejantes, perceber que ninguém está sozinho nessa condição de nostalgia, saudade e emoção. São homens e mulheres que encontram ali sentimentos adormecidos e os deixam fluir como um rio através dos olhos.

Lia é um espetáculo que mexe com o íntimo dos seres humanos, não fere, apenas permite que todos façam viagens para dentro de si. Embarcar na memória é o convite feito pelo dramaturgo.

“Em um momento tão difícil, devido à pandemia, Lia permite voltar a olhar para vida e apostar no amor. E por que não? Queremos usar a arte cênica como caminho para tocar nessa temática de forma simples e humana, promover um encontro de arte e falar da nossa Brasilidade”, afirma Hugo Andrade.

PRÊMIOS

Festival BIARTE 2018 – Prêmio de Melhor Ator
Festival As Lucianas 2019 – Melhor Espetáculo, Melhor Temática e Melhor Cena Solo
Festival de Inverno de São João da Barra 2019
Melhor Espetáculo, Melhor Ator, Melhor Cenário e Melhor Figurino
Festival FESTIM 2019 – Melhor Espetáculo
Festival FESTAR 2019 – Melhor Monólogo, Melhor Ator e Melhor Texto
Festival Ziembinsk 2021 – Melhor Ator e Melhor Esquete

SERVIÇO

Monólogo Lia – Texto e atuação: Hugo Andrade
Realização: [@funarteoficial](#) [@liarteproducoes](#)
Temporada: 1 a 24/04 – Sextas, sábados e domingos, 19h
Teatro Dulcina – R. Alcindo Guanabara, 17 - Centro, RJ
Ingresso: [@ingressorapidooficial](#)





Foto: André Conti

Museu A CASA realiza oficina “A Árvore Alinhavada” com a artista paulistana Cristiane Mohallem

Oficina será realizada no espaço de eventos do museu A CASA, SP, no dia 12 de abril, das 14h às 17h30

A proposta da oficina é de bordar a imagem de uma árvore baseando-se no modo “livre” de alinhavar da artista e se insere na programação paralela da exposição “Um olhar sobre o acervo: rendas e bordados”, encerrada dia 20 do mês passado.

Durante a oficina serão abordadas as questões do movimento da linha, da cor, da composição e do simbolismo da árvore em diversas culturas. Não há pré-requisitos para a participação e iniciantes são muito bem-vindos.

A artista conta que iniciou seu percurso pintando e desenhando, e somente depois de alguns anos descobriu o bordado, ao visitar um projeto arte-terapêutico, em que mulheres se reuniam para bordar e contar suas histórias. Ao se deparar com uma linha alinhavada em um tecido, intuiu o potencial expressivo dessa linguagem. Em 2014, levou linhas, tecidos e a caixa de costura da avó para o ateliê e passou a explorar esse universo. Desde então, já participou de diversas mostras individuais e coletivas, tendo passagens pelo Brasil, Estados Unidos e Alemanha.

“Apesar de já conhecer o trabalho da Cris, que expôs no museu em 2017, surgem sempre surpresas bem-vindas. Além da multiplicidade de tons, as pessoas ficam surpresas ao perceberem que ao invés do pincel, na verdade, é com a linha de algodão que ela pinta”, afirma a diretora da instituição Renata Mellão.



Foto: Divulgação

SOBRE A ARTISTA

Cristiane Mohallem (1974) graduou-se em Psicologia pela PUC/SP. Entre 2000 a 2006, criou e coordenou o projeto Oficina de Artes no Hospital do Rim e Hipertensão, UNIFESP/SP. Esse projeto levou-a para a *School of the Art Institute of Chicago*, onde tornou-se mestre em arteterapia (2008). Nessa escola, descobriu o mundo das artes visuais, interessando-se, principalmente, pelos ateliês de pintura.

Em 2014 deixou de trabalhar como psicoterapeuta para dedicar-se exclusivamente ao trabalho no ateliê. Desde então, vem exibindo sua produção em mostras individuais e coletivas, em espaços independentes, salões e instituições brasileiras e estrangeiras.

SERVIÇO

OFICINA “A ÁRVORE ALINHAVADA” COM CRISTIANE MOHALLEM

Data: 12 de abril, das 14h às 17h30

Valor: R\$380,00

Local:

Espaço de eventos A CASA – Museu do Objeto Brasileiro

Endereço: Av. Pedroso de Moraes, 1216, Pinheiros, SP

Informações e imagens:

(11) 3814-9711 / (11) 3097-8840

WhatsApp (11) 94254-1179

comunicacao@acasa.org.br



Até 5 de junho,
MASP apresenta
primeira mostra
individual de
LUIZ ZERBINI
em um museu
em São Paulo



Luiz Zerbini, *A Primeira missa*, 2014, acrílica sobre tela, coleção do artista, Rio de Janeiro

Artista se apropria de clássico dispositivo expográfico de Lina Bo Bardi para criar uma experiência imersiva

A mostra **Luiz Zerbini: a mesma história nunca é a mesma**, ocupa o espaço expositivo do 2º subsolo do museu. Com curadoria de Adriano Pedrosa, diretor artístico, e Guilherme Giufrida, curador assistente no MASP, a exposição traz um conjunto de cerca de 50 trabalhos, entre pinturas, monotípias, gravuras e desenhos, em sua grande maioria inéditos, distribuídos em uma expografia-obra projetada em diálogo com a ar-

quitetura do espaço. Ressaltando o interesse do artista pelos aspectos da botânica, as obras retomam narrativas apagadas das histórias brasileiras com o intuito de reconstruí-las a partir de novas imagens e protagonistas.

Luiz Zerbini (São Paulo, 1959) mudou-se para o Rio de Janeiro no início da década de 1980 e começou também nesse período sua trajetória artística. Ao longo do



Luiz Zerbini, *A Primeira missa*, 2014 (detalhe),
acrílica sobre tela, coleção do artista, RJ

tempo, sua pesquisa em uma variedade de técnicas, passando por experimentações em pintura, colagem, vídeo e instalação, tornou-se uma marca em sua obra. Essa exposição, mesmo que não retrospectiva, engloba trabalhos e questões prementes do artista, que, de certo

modo, o acompanham desde o início de sua produção. A mostra busca criar novas paisagens para a história do Brasil por meio de uma experiência imersiva composta de pinturas, monotipias e objetos da natureza.

Sua mostra individual parte de uma pintura do artista realizada em 2014, denominada *A Primeira missa*, comissionada para a coletiva *Histórias mestiças*, realizada no mesmo ano no Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo.

Nessa obra, “Zerbini questiona o imaginário produzido pela célebre pintura *Primeira missa no Brasil (1860)*, de Victor Meirelles (1832-1903), reinventando a imagem e a própria narrativa dos primeiros dias do famigerado encontro entre invasores e indígenas no início do processo colonial brasileiro”, comenta o curador Guilherme Giufrida. O sentido de reconstrução da história é, nesse caso, o deslocamento do ponto de vista: agora, pretende-se enxergar por meio de outros sujeitos, sejam humanos, vegetais ou animais, a cena dessa invasão de mundos provocada pela chegada dos portugueses.

Como descreve Giufrida, “o artista assume o gesto de agenciar imagens que se solidificaram como ilustração de fatos que foram, na verdade, inventados por elas. Trata-se assim de reimaginar as histórias, atribuindo-lhes novas representações, fazendo emergir outras ideias e protagonistas”.

A exposição, portanto, pretende se valer desse procedimento para abordar momentos e embates da história do país. Exemplo disso são as quatro novas pinturas de grande dimensão, elaboradas especialmente para a mostra: *Massacre de Haximu* (2020), *Paisagem inútil* (2020), *Rio das Mortes* (2021) e *Canudos não se rendeu* (2021).

Ao conjunto de pinturas vem se somar uma seleção de dezenas de monotípias da série *Macunaíma* (2017), concebidas para uma edição do romance *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter* (1928), de Mário de Andrade (1893-1945). Nelas, Zerbini traduz a narrativa do livro de Andrade – que conta a história de vida de um sujeito indígena e suas intensas transformações – a par-

Luiz Zerbini, *Massacre de Haximu*, 2020, Acrílica sobre tela, Acervo MASP



tir da apropriação da vegetação nativa do cenário do protagonista, evidente nos suportes em papel.



Luiz Zerbini, em colaboração com João Sánchez, *Macunaíma 33*, 2017, Óleo sobre papel algodão, coleção do artista, Rio de Janeiro

Além delas, a individual também integra duas obras instalativas – uma delas trazendo raízes de plantas do ateliê do artista –, além da própria expografia, uma apropriação de um clássico dispositivo – uma grande estrutura modular de madeira – desenhado por Lina Bo

Bardi (1914-1992) para a mostra *Cem obras-primas de Portinari* (1970), de Candido Portinari (1903-1962), no MASP, com alterações no desenho e intervenções de pintura propostas por Zerbini.

Cada vez mais interessado, nos últimos anos, em questões de botânica e discussões (inclusive filosóficas) ao redor do universo vegetal, o artista passou a refletir o tema em sua produção desde a década de 2000, nela incluindo tanto um diálogo quanto uma preocupação com a causa e as demandas das populações indígenas, sobretudo no combate ao garimpo e outras formas de invasão de territórios desses povos na atualidade.

SOBRE LUIZ ZERBINI

Luiz Zerbini nasceu em São Paulo em 1959 e vive e trabalha no Rio de Janeiro. Em 1982 formou-se em Belas Artes pela Fundação Armando Álvares Penteado, em sua cidade natal. Começou a estudar pintura desde cedo, com José Van Acker, e mais tarde também fotografia com Carlos Moreira e aguarela com Dudi Maia Rosa. Membro da chamada Geração 80, que voltou a promover a pintura como principal meio de expressão artística, muitos de seus primeiros trabalhos foram pinturas. Desde então tem trabalhado com escultura, vídeo, desenho e fotografia. Em 1984, participou da icônica exposição *Como vai você, Geração 80?*, no Parque Lage, no Rio de Janeiro.

Em 1995, recebeu o Grande Prêmio de crítica na categoria artes visuais da Associação Paulista de Críticos de

Arte (APCA). Em 2015, apresentou uma importante exposição individual no Galpão Fortes Vilaça, em São Paulo. Recentemente, também foi objeto de pesquisas na Casa Daros, no estado do Rio de Janeiro (2014); no Instituto Inhotim, em Minas Gerais (2013); e no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (2012).

Zerbini expôs em galerias e museus em todo o Brasil e no mundo e representou o país em Bienais notáveis, incluindo Bienal de São Paulo (2010 e 1987); Bienal do Mercosul (2001); Bienal de La Havana (2000); e Bienal Internacional de Cuenca (1996).

Nos últimos anos, participou de algumas exposições na *Fondation Cartier pour l'Art Contemporain*, em Paris. Hoje, vem desenvolvendo uma forte relação com a floresta amazônica, tendo visitado a região algumas vezes, incluindo uma comunidade indígena no Parque Indígena do Xingu, em 2014. Essa relação influenciou o vocabulário de sua pintura e o início da produção de

monotipias, em 2016. O artista também faz parte do renomado grupo *Chelpa Ferro*, que participou da 20ª Bienal de São Paulo.

SERVIÇO

LUIZ ZERBINI:

A MESMA HISTÓRIA NUNCA É A MESMA

De 1º de abril a 5 de junho de 2022

MASP — Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand
Avenida Paulista, 1578 – Bela Vista, SP

Telefone: (11) 3149-5959

Horários:

terça grátis Qualicorp, das 10h às 20h (entrada até as 19h);

quarta a domingo, das 10h às 18h (entrada até as 17h);

fechado às segundas

Agendamento online obrigatório pelo link

masp.org.br/ingressos

Ingressos: R\$ 50 (entrada); R\$ 25 (meia-entrada)

www.masp.org.br

facebook.com/maspmuseu

twitter.com/maspmuseu

instagram.com/masp

Luiz Zerbini, *Rio das Mortes*, 2021 (detalhe), acrílica sobre tela, coleção do artista, Rio de Janeiro



LENÇÓIS: A EXUBERÂNCIA DA BAHIA SEM MAR

Texto e fotos: Antonella Kann

www.antonellakann.com

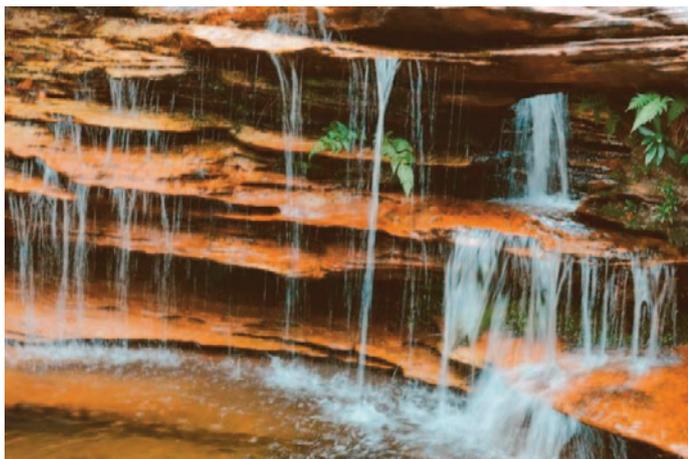
antonellak1954@gmail.com





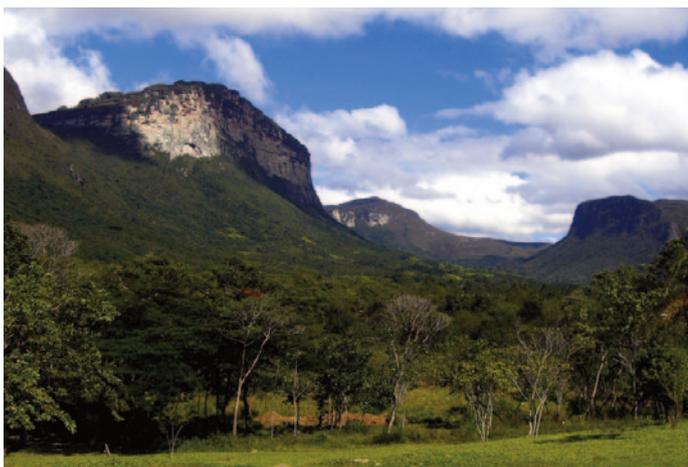
Vale do Capão

Foto: ABIH, reprodução



Cachoeira Águas Claras, Vale do Capão

Foto: Mala de Aventuras, reprodução



Vale do Capão

Foto: Samory Santos / Wikipédia

Será que é possível imaginar a Bahia com alguma outra coisa sem ser praia? É muito difícil fazer a (dis)associação. Porém, acredite, esse estado do Nordeste tem muito mais do que areia e mar para ofertar de bandeja aos seus visitantes. A história nos revelou uma Bahia onde se mesclaram todo tipo de culturas e, ao mesmo tempo, também sempre enfatizou a magia de suas praias imaculadas. Por isso, pouca gente tem noção de que suas montanhas, morros, canions, altiplanos, chapadões e cachoeiras são dádivas naturais de seu ecossistema e podem impressionar tanto quanto (ou até mais) do que a sua costa delineada de branco.

Uma pequena cidade se destaca no cenário selvagem e preservado do centro do estado baiano: é Lençóis, encravada no coração do Parque Nacional da Chapada Diamantina, antigamente uma importante zona de extração de diamantes. Porém, não é tarefa fácil localizar esta preciosidade colonial nem mesmo nos melhores guias de turismo. Embora não seja um destino incomum, Lençóis pode ser rotulado como uma espécie de

santuário para os ecoturistas, e a opção ideal para o viajante mais aventureiro cujo objetivo é tomar um “chá de natureza”, ou seja, absorver todo o luxo e a riqueza do meio ambiente. É que em volta de Lençóis, tudo é magnífico, único e – felizmente! – preservado.

No entanto, só a pé é que dá para explorar os arredores da Chapada e alguns *trekkings* mais longos, in-

titulados travessias, podem levar até três dias. Para os andarilhos, um sonho de viagem. A famosa *Travessia Lençóis até o Vale do Capão* é um *trekking* para quem tem fôlego e bom preparo físico, pois leva pouco mais de sete horas para galgar os 25km, entre subidas e descidas de morro, passando pelas trilhas que começaram a ser desbravadas por tropeiros desde o século XIX. Mas, é uma caminhada inesque-





Praça de Lençóis



cível, com tempo de sobra para se refrescar numa cachoeira. Em tempo: sempre contrate um guia local para não correr o risco de se perder. Há várias pequenas agências de turismo na cidade.

Mas, mesmo quem não é adepto de extensas caminhadas pode curtir a atmosfera desta autêntica vila colonial, com belos casarões de época, e que transborda em hospitalidade e boa gastronomia graças a bons hotéis e cardápios que vão de *slow food* à *thai*. Tem mais: o seu calendário ostenta eventos o ano inteiro, entre eles as famosas festas juninas e o Festival de Lençóis, em setembro. Durante todo o mês de junho, a cidade fica agitada com as festas. As bandeirinhas enfeitam cada poste, e o ambiente fica multicolorido. Às vezes, as combinações e arranjos se parecem até mesmo com um quadro do famoso pintor brasileiro, Volpi. Ao anoitecer, quando a temperatura cai, inúmeras fogueiras são acesas e todos se divertem com brincadeiras, muita canjica e quentão.

E o que dizer do recheio de palma no pastel? Parece estranho, mas é uma delícia. Tudo se derrete na boca e não dá para ficar só em um. Melhor ainda quando acompanhado de uma cachacinha local, “pingada” com o mel da região. Os melhores pastéis são os do Vale do Capão, mas só quem venceu o desafio da travessia pode se dar ao luxo de comer estas iguarias da Chapada Diamantina! (Restaurante Dona Beli, Rua da Vila).

E lembrando que Lençóis era uma importante zona de extração de diamantes e portanto vivia cheia de garimpeiros, não deixe de experimentar um dos pratos típicos do garimpo, como o ensopado de carne com banana verde. O melhor lugar é o Neco’s Bar (Pça. Clarim Pacheco, 15) O restaurante também é reputado pelo preparo do Tucunaré, um peixe de rio que só pode ser servido entre setembro e maio.





Pastel de jaca

Foto: Guia Chapada Diamantina, Açony Santos, reprodução



Ensopado de carne com banana verde

Foto: Retiro Notícias, reprodução

Como é típico de cidade do interior, aos domingos o comércio fecha as portas e algumas partes da cidade ficam desertas. É o momento ideal para percorrer as ruas lentamente, atento aos detalhes arquitetônicos dos casarões coloniais. Vale sentar num boteco de esquina, ou numa praça, e observar o ritmo pacato desta antiga vila de garimpeiros. Hoje, vale garimpar nas lojinhas de artesanato, onde quem gosta de arte popular vai se deliciar.

SERVIÇO

COMO CHEGAR

Chega-se a Lençóis a partir de Salvador em 55 minutos com a Trip Airlines* – www.voetrip.com.br

* a conferir pois a Azul comprou a Trip recentemente

ONDE FICAR

Hotel Canto das Águas

Av.Senhor dos Passos, 1 – Tel.: 75 3334-1154

www.lencois.com.br

Estabelecimento que se orgulha de ser o primeiro hotel sustentável no Brasil. Como ele é estrategicamente localizado, mesmo durante os eventos mais concorridos, você consegue dormir apenas com o agradável borbulhar das águas do rio que beira essa construção neocolonial. Ao mesmo tempo, está a passos do centrinho. As acomodações servem como pouso confortável após uma caminhada. Em tempo: deixe-se paparicar com uma massagem, realizada ao ar livre, debaixo de um toldo, num sossegado jardim.



As
Viúvas de
Maridos
Vivos
do artista
mineiro
Leandro
Junior

Obras feitas com barro do Vale do Jequitinhonha retratam as mulheres que se veem sozinhas enquanto os maridos viajam em busca de trabalho

Liliane
Foto: Divulgação





As obras compõem a nova exposição do Museu de Arte Sacra de São Paulo – MAS / SP, instituição da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo, sob curadoria de Simon Watson.

Pinturas com mais de dois metros de altura, feitas com barro das encostas do Vale do Jequitinhonha. De uma relação visceral do artista Leandro Júnior com o território, os habitantes e as histórias de sua região em Minas Gerais. As chamadas "*viúvas de maridos vivos*" são comuns no Jequitinhonha: mulheres que se veem sozinhas – com o roçado, os filhos e todas as obrigações do lar – enquanto os maridos viajam para a colheita do café ou da cana, chegando a passar meses ou anos longe. Leandro, ele também filho de uma "viúva", retratou 12 delas, sempre de costas e carregando utilitários na cabeça: lata de querosene, balaio, gamela, trouxa, saco, botija, lenha, bateia, pote de barro, bacia, leiteira. "*São mulheres fortes, autônomas, protagonistas e independentes, vivendo como matriarcas numa sociedade patriarcal*", sugere o curador Simon Watson.

A exposição marca a primeira individual museológica de Leandro Júnior, pintor e escultor figurativo que se inspira na forte cultura e intimidade fomentadas de forma única

no vale rural do Jequitinhonha, localizado no sertão de Minas Gerais. Nascido e criado na Chapada do Norte, ele vem desenvolvendo sua arte a partir do barro que ele mesmo extrai e refina, para ser aplicado em telas, ou modelado e queimado em um forno de barro, para se tornarem esculturas.

"Desde o primeiro contato com as obras de Leandro, há mais de quatro anos, tive o prazer de fazer três viagens ao Jequitinhonha onde ele me apresentou o povo e os costumes da região e os jovens do Quilombo de Cuba, onde atuava como professor. Esse é realmente um lugar de pessoas humildes e generosas, imersas numa história viva e tumultuada", diz o curador.

Padroeira do Quilombo de Cuba, a figura de Nossa Senhora Aparecida inspira fé em Leandro e em sua família. O artista já tinha feito uma estátua da santa, mas resolveu fazer uma representação em maior escala, com características Afro e expressão serena, esculpida ao longo de várias semanas de trabalho diretamente no jardim do museu. *"É uma figura que me traz muita força"*, conta o artista, que prepara argila em tons pretos e avermelhados para chegar ao resultado e construiu um forno na área externa do museu especialmente para a queima da escultura.



"Nunca tinha feito nada nesse tamanho e dividi a composição da estátua em oito partes", antecipa o artista.

Completa a exposição um *teaser* da série documental que o diretor brasileiro radicado em Nova York, Diego Kelman Ajuz, está produzindo no Jequitinhonha. O



plano inicial era fazer uma série de vídeos curtos com entrevistas das viúvas retratadas por Leandro, mas a força dos depoimentos motivou o diretor a fazer um projeto maior, em nove episódios. *"É uma chance de recontar a história do Brasil sob novos ângulos e longe dos clichês"*, sugere Ajuz, que encontrou ali mulheres com valores e sabedorias que passam longe do conhecimento escolar/acadêmico. *"Muitas delas não sabem ler nem escrever, mas falam olhando no olho, num contato direto, sem tanto ruído, donas de uma força e uma presença que nós talvez tenhamos perdido."*

O ARTISTA – LEANDRO JÚNIOR

Leandro Júnior de Sousa é pintor e escultor. Nascido no Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, estudou arte na Faculdade São Luiz de Jaboticabal, no interior de São Paulo. Nos últimos três anos, participou de exposições individuais e coletivas em galerias e museus, entre eles: Central Galeria, São Paulo (agosto 2020); Museu Nacional da República, Brasília (outubro de 2020); *Slag Gallery*, Nova York (abril de 2021); Instituto Santo Amaro, São Paulo (maio 2021); Museu de Arte Sacra, São Paulo (junho de 2021); e Centro Cultural Recanto das Artes, Vale do Jequitinhonha (agosto de 2021). Foi bolsista integral da *Simon Watson Arts – Artist in Residence*, São Paulo (2019 a 2022). Além da prática artística, possui dez anos de experiência como docente, trabalhando com jovens adultos do Centro de Referência da Assistência Social (CRAS), com adolescentes do Quilombo de Cuba e com outras comunidades quilombolas no Vale do Jequitinhonha.

O CURADOR – SIMON WATSON

Nascido no Canadá e criado entre Inglaterra e Estados Unidos, Simon Watson é curador independente e especialista em eventos culturais baseado em Nova York e São Paulo. Um veterano com trinta e cinco anos de experiência na cena cultural de três continentes, Watson concebeu e assinou a curadoria de mais de 250 exposições de arte para galerias e museus, e coordenou programas de consultoria em colecionismo de arte para inúmeros clientes institucionais e particulares. Nas últimas três décadas, Watson trabalhou com artistas emergentes e os pouco reconhecidos, trazendo-os para a atenção de novos públicos. Sua área de especialização curatorial é identificar artistas visuais com potencial excepcional, muitos dos quais agora são reconhecidos internacionalmente na categoria *blue-chip* e são representados por algumas das galerias mais famosas e respeitadas do mundo.

SERVIÇO

VIÚVAS DE MARIDOS VIVOS – LEANDRO JUNIOR

Curadoria: Simon Watson

Abertura: 3 de abril de 2021, às 11h

Duração: de 3 de abril a 5 de junho

Local: Museu de Arte Sacra de São Paulo | MAS/SP

Endereço: Avenida Tiradentes, 676 – Luz, São Paulo
(ao lado da estação Tiradentes do Metrô)

Tel.: 11 3326-5393

Horário: De terça a domingo, das 11h às 17h
(entrada permitida até as 16hs)

Ingressos: R\$ 6,00 (Inteira) | R\$ 3,00 (meia)

Compra de Ingressos: Sympla

Site: www.museuartsacra.org.br

Leninha
Foto: Divulgação



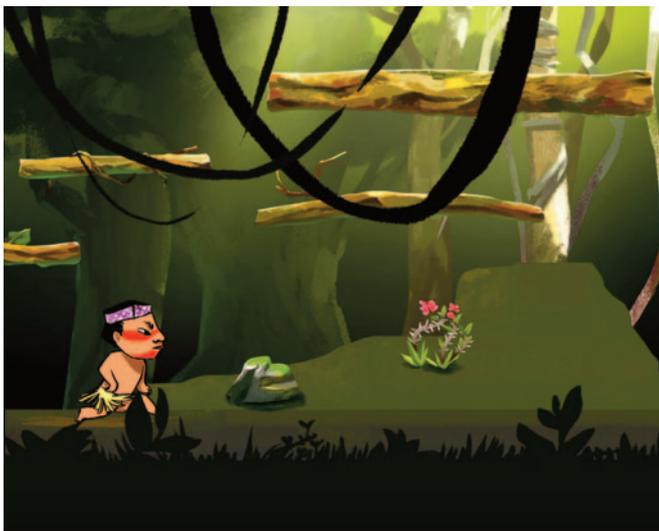
PLAYMODE, exposição coletiva internacional no CCBB BH, transforma jogos em objetos de reflexão



Ricardo Barreto e Raquel Fukuda, *Xadrez Auto-Criativo*
Foto: André Lenz (Construção do Protótipo)

Ao todo são 44 peças, muitas delas interativas, elaboradas por artistas da Alemanha, Brasil, Croácia, Estados Unidos, França, Grécia, Japão, Nova Zelândia e Portugal. A mostra, produzida pela N+1, com curadoria dos portugueses Filipe Pais e Patrícia Gouveia, utiliza o caráter lúdico dos jogos para propor uma reflexão social e política sobre a atualidade

PLAYMODE chega ao CCBB Belo Horizonte vinda diretamente de Portugal, onde foi exibida em 2019 no Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia (MAAT), em Lisboa. Por lá, alcançou grande sucesso de crítica e público. *“O Brasil é muito grande, tem uma população diversa e esperamos que as pessoas se envolvam ainda mais com a proposta”*, avalia Filipe Pais. *“Assim como os portugueses, os brasileiros são curiosos, querem conhecer e participar”*, completa o curador.



Guilherme Meneses, Bobware e Beya Xinã Ben, *Videogame Huni Kuin*

Foto: Guilherme Meneses, Bobware e Beya Xinã Ben

Ele enfatiza que a interatividade de algumas das peças apresentadas convida o visitante a uma participação ativa, que coloca o público diante de experiências lúdicas, sensoriais e conceituais. *“Os jogos criam um mundo à parte, alterando as nossas perspectivas e formas de ver as realidades que nos envolvem”*, explica.

“Para o CCBB BH receber a mostra coletiva Playmode representa a oportunidade de levar ao público a inusitada ligação entre arte contemporânea e jogo. É brincadeira e observação ao mesmo tempo, tendo as novas tecnologias como suporte nessa jornada”, observa Gislane Tanaka, gerente Geral do CCBB BH.

“Buscamos obras que representem a revolução digital que nós vivemos e que apresentem, pela linguagem da tecnologia, as necessidades básicas humanas de interagir, de se espelhar no outro e de resistir à imobilidade”, descreve Patrícia Gouveia.

ORGANIZAÇÃO E DESTAQUES

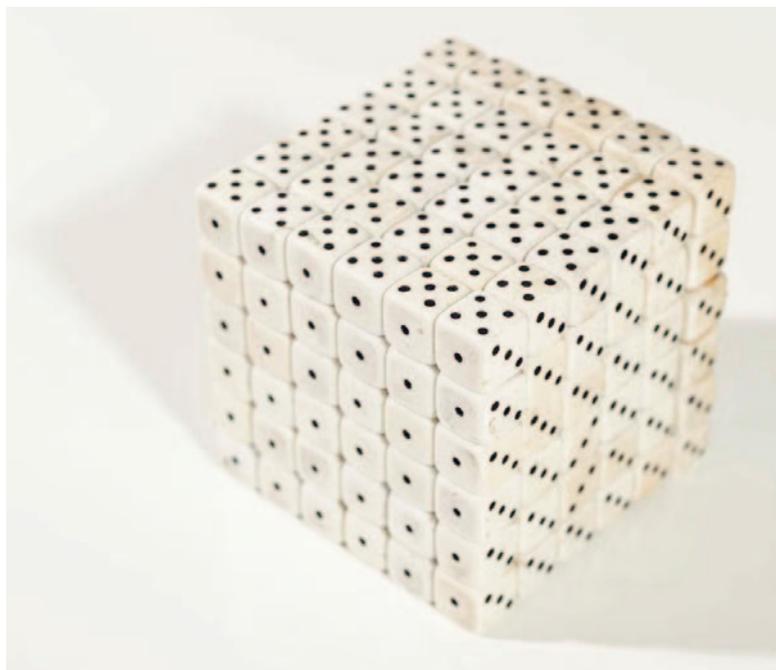
Ao propor uma reflexão sobre a faceta lúdica da sociedade contemporânea, *Playmode* divide os trabalhos dos artistas em três grandes eixos: *“Modos de*

desconstruir, de modificar e de especular”; Modos de participar e de mudar” e “Modos de transformar, de sonhar e de trabalhar”.

No primeiro eixo encontram-se obras que exploram os modos de jogar. Valendo-se de jogos bem conhecidos, propõe a transformação de regras e mecanismos já automatizados pelos usuários desses jogos. Sugere-se, nessa dinâmica, a revisão de conceitos como resistência e o estímulo para promover novas visões do mundo contemporâneo.

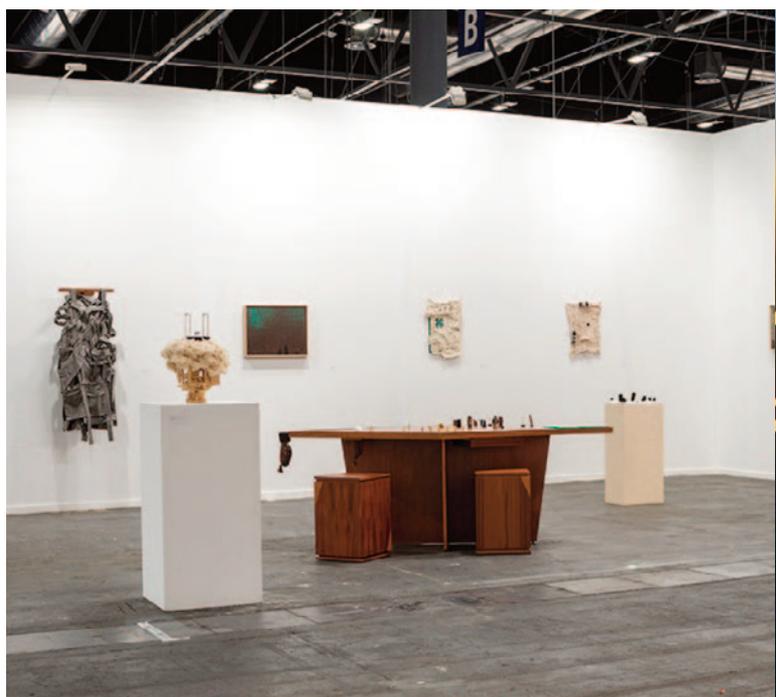
É o eixo com maior quantidade de obras na mostra. Lá se encontra o protótipo do *“Xadrez Auto-Criativo”* (2019), de Ricardo Barreto e Raquel Fukuda. A instalação propõe uma reformulação do xadrez clássico. Os seis tabuleiros distribuídos na mesa, previamente determinados pelos artistas, demonstram jogos possíveis com os quais os visitantes de Playmode poderão interagir a partir de regras tradicionais do xadrez.

Destacam-se neste eixo também o *“Cubo de Dados”* (1970), de Nelson Leirner – obra que se vale de dados clássicos para brincar com a geometria espacial e transformar a forma cúbica simples em uma escultura fractal – e a *“Mesa de Jogos”* (2020), de Laura Lima e Marcius Galan. Essa obra consiste numa apresentação unificada de diferentes jogos de tabuleiro e de cartas em cima de uma mesa, possibilitando que todos eles possam ser usados ao mesmo tempo – embaralhando as regras e exigindo dos participantes um acordo sobre elas.



Nelson Leirner, *Cubo de Dados*

Foto: Jaime Aciol



Laura Lima e Marcius Galan, *Mesa de jogos*

Foto: Laura Lima e Marcius Galan

O eixo 2 compreende obras cujo objetivo é convocar a atenção mais profunda dos visitantes: além da participação ativa nos jogos, mobiliza-se a consciência das decisões tomadas ao longo da partida. Consequentemente, as peças digitais desse eixo acabam por estimular a mudança de perspectivas em relação à realidade e às maneiras de lidar com ela.

No bloco expositivo se encontra a obra “Everything” (2017), de David OReilly. Trata-se de um game de simulação em que um jogador pode explorar diferentes criaturas e objetos, adquirindo paisagens e planetas, enquanto tem acesso a citações narradas pelo filósofo Alan Watts, conhecido por popularizar reflexões filosóficas de pensadores clássicos e modernos.



David OReilly, *Everything*
Foto: David OReilly

O terceiro e último eixo da mostra evidencia o poder dos jogos em construir sonhos e a capacidade de promover o deslocamento do jogador para espaços imaginários. Além desse aspecto lúdico, inerente a qualquer jogo, o terceiro grupo enfatiza a capacidade de transformação das estruturas cognitivas, físicas e sociais latentes no jogo e no ato de jogar.

SERVIÇO

PLAYMODE

Centro Cultural Banco do Brasil Belo Horizonte
Praça da Liberdade, 450 - Funcionários, Belo Horizonte / MG
Até 6 de junho

Horário de funcionamento: de quarta a segunda,
das 10h às 22h

Acesso ao prédio: livre, porém restrito

ao limite de lotação previsto nos protocolos de saúde

Bilheteria: os ingressos devem ser emitidos, preferencialmente, pelo site

bb.com.br/cultura com apresentação do QR Code na entrada da exposição.

O ingresso é válido para o dia agendado.

A visitação tem fluxo unidirecional.

<https://ccbb.com.br/belo-horizonte/bh-programacao/playmode/>



Pippin Barr, *Videogame Let's Play: Ancient Greek Punishment*
Foto: Pippinbarr



Foto: Divulgação

Exposição multimídia e imersiva
com obras de Van Gogh
abre ao público dia 6
na Casa França-Brasil /RJ

“Van Gogh e seus Contemporâneos” oferece ao público experiência digital única com a sensação de “adentrar” as telas do artista holandês

A mostra multimídia *“Van Gogh e seus Contemporâneos – Exposição Imersiva”* chega à Casa França-Brasil, no Centro do Rio de Janeiro, após ter estreado em Florença (Itália). O mergulho sensorial na obra e na vida do pintor holandês, um dos principais nomes da arte do século XIX, conduzirá o visitante em uma experiência digital com projeções em 360° e trilha sonora original. Com uma narrativa de 60 minutos, o conteúdo envolve o público a partir da trajetória humana e artística do pintor, além de promover um passeio pelas criações de outros grandes nomes que se relacionam com sua obra, como Cézanne, Gauguin, Toulouse-Lautrec, Soutine e Modigliani.

Na entrada da exposição, o público acessa um espaço onde estará reproduzido o quarto de Van Gogh, retratado em um de seus mais famosos quadros, *“Quarto em Arles”*. Os visitantes terão a oportunidade de se aprofundarem na história do artista em textos explicativos e uma linha do tempo da vida de Van Gogh. Dentro dos ambientes, o público irá imergir em imagens de grandes dimensões, formadas por múltiplos projetores

através de um sistema que adapta as telas ao espaço expositivo e garante a sensação de estar dentro das obras do pintor, um dos mais famosos e queridos do mundo.

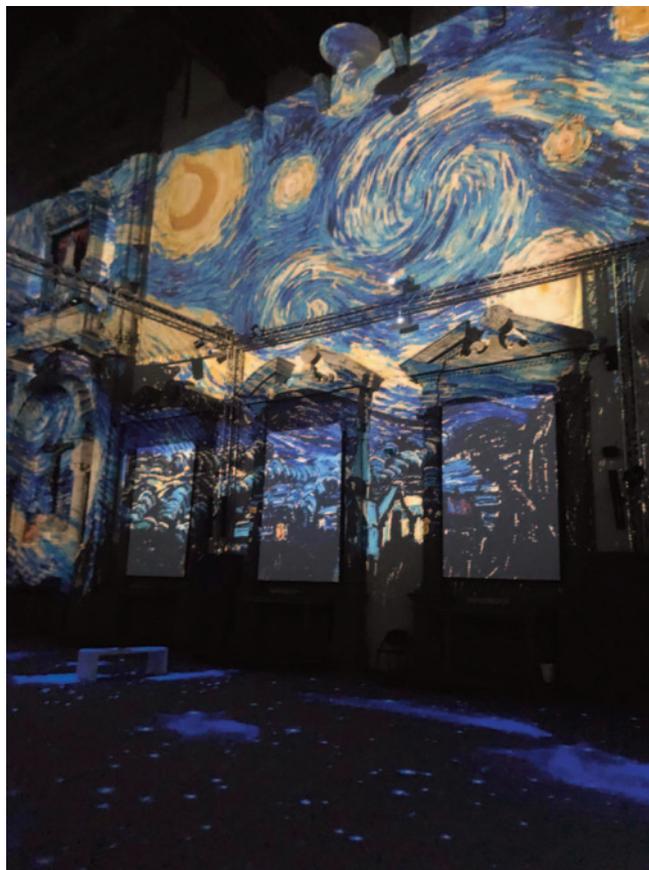
Na mostra, o espectador se coloca nas próprias pinturas e entende um pouco mais da vida e sentimento deste artista que encanta o mundo até hoje com seus traços e cores. *“A pintura está na minha pele.”* Foi assim que Vincent Van Gogh traduziu a sua trajetória, com mais de 2 mil quadros.

*“A pintura
está na
minha pele”*

Vincent Van Gogh

O interesse pela arte teve início ainda na infância e, em sua trajetória, pintou mais de 40 autorretratos em que explora a sua aparência física e seu olhar expressivo. Entre as curiosidades do artista está o fato de pintar ao ar livre, hábito que conservou até morrer.

Sua técnica de pinceladas firmes e carregadas, aplicadas sem hesitação, permitiu-lhe pintar rapidamente e produzir um vasto número de obras nos últimos dois anos e meio de sua vida. Em 1973, foi criado o Museu Van Gogh em Amsterdã, na Holanda, para abrigar suas criações.



Fotos: Divulgação

TECNOLOGIA INOVADORA

A experiência foi desenvolvida a partir da inovadora tecnologia digital MATRIX X DIMENSION, com criação original da *Crossmedia Group*, empresa italiana especializada em exposições multimídia imersivas, entre elas, *“Da Vinci Experience”*, que esteve em São Paulo em 2020. *“Van Gogh e seus Contemporâneos – Exposição Imersiva”* está sendo montada no Brasil pelas produtoras Automática e Pink Pineapple, com planejamento e apoio comercial das empresas iDue Entrete-

nimento e CulturArtEntretenimento e patrocínio master da Enel Distribuição Rio, por meio da Lei Estadual de Incentivo à Cultura do Rio de Janeiro, além de apoio da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro.

A exposição reforça a vitalidade da Casa França-Brasil, equipamento da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa, no cenário cultural. *“A Casa França-Brasil compõe um importante corredor cultural da ca-*

pital e ter em suas galerias uma exposição do tamanho de Van Gogh celebra a retomada da cultura em um espaço bicentenário, com programação especial para o público. É a Lei Estadual de Incentivo à Cultura promovendo a arte para todos os públicos", destaca a Secretária de Estado de Cultura e Economia Criativa, Danielle Barros.

A exposição também oferta um programa educativo com atividades destinadas a escolas e grupos de visitantes durante toda a temporada, além da formação de professores.

SERVIÇO

VAN GOGH E SEUS CONTEMPORÂNEOS EXPOSIÇÃO IMERSIVA

6 de abril a 5 de junho de 2022

De terça a domingo, das 10h às 18h

Casa França-Brasil

Rua Visconde de Itaboraí 78, Centro, RJ

Ingressos: site Eventim

Terças e quartas: entrada gratuita

Quinta a domingo, R\$ 20 (inteira),

R\$ 10 (meia) e gratuidades previstas em lei

Mais informações: vangoghrio.com





Ayrson Heráclito, *Nanã*, Série *Oferenda à cabeça*, 2008-2011

Foto: Divulgação

A partir do dia 2, na Pinacoteca de São Paulo,
AYRSON HERÁCLITO: YORÙBÁIANO
e as feridas deixadas pela história colonial

Com curadoria de Amanda Bonan, Ana Maria Maia e Marcelo Campos, grande exposição do artista baiano reúne 63 obras, entre instalações, fotografias, vídeos, performances e registros

Ayrson Heráclito traz à Pina Estação a força de mitologias africanas que aportaram no Brasil a partir da diáspora, do sequestro e da escravidão de diversos povos africanos, sobretudo a partir do século XIX. Na seleção de obras, o artista baiano articula culturas diversas, abarcando os mitos yorubanos ou nagôs e jejes, a um amálgama cultural único de saberes ancestrais, ensinamentos, lendas, ritos e visões de mundo distintos que fazem parte das matrizes religiosas e culturais do candomblé. Por intermédio dos trabalhos, o público pode conhecer as lendas, “itâns” e “orikis”, narrativas tradicionais que seguem presentes nas ruas, procissões, romances e enredos de escolas de samba brasileiras, tomando contato com um mundo sem pecado onde a natureza dos seres e dos bichos se complementa.

Dividida em três salas, a curadoria de “Yorùbàiano” articula três materiais orgânicos que, segundo o artista, compõem histórica e simbolicamente o “*corpo cultural diaspórico*”. O açúcar rememora a ganância da monocultura canavieira escravocrata, evocando ao mesmo tempo a divindade ou orixá Exú, a quem é ritualmente oferecida a cachaça. Ayrson também se vale da polissemia do azeite de dendê, ora simbolizando os fluidos vitais do corpo humano, quais sejam, o sangue, o sêmen e a saliva.

Em uma das salas, a instalação “*Retorno à pintura baiana*” (2002) envolve o tingimento de uma maquete da Igreja do Rosário dos Pretos, bem como uma parede da Estação com o dendê, saindo do campo da representação da pintura matérica, característica dos anos 1980, para a instalação, valendo-se do precioso óleo e sua coloração amarelo-terrosa. A videoinstalação “*O pintor e a paisagem*” (2011), a instalação “*Barrueco*” (2003), além da série fotográfica “*Sangue vegetal*” (2005), entre outras instalações e fotografias completam a sala.



Ayrson Heráclito, *Retorno à pintura baiana, Maquete da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos*, 2002-2022
Foto: Jaime Acioli

A carne curtida no sal ou charque, por sua vez, alude às violências sofridas pelo povo negro escravizado ao mesmo tempo que remete ao orixá Ogum, a quem é

oferecido o sal nos rituais do Candomblé. Nesse espaço são exibidas a instalação “*Segredos Internos*” (1994-2010), documentação da performance “*Transmutação da carne*” (2000), além do registro da performance ritualística “*Sacudimento*” (2022), realizada pelo artista ao redor do edifício da Estação Pinacoteca, onde funcionou o DOPS (Departamento de Ordem Política e Social), órgão responsável pela detenção de dissidentes políticos pelo regime civil-militar nos anos 1960 e 70.

A terceira sala expositiva encerra a visita com a grande instalação fotográfica “*Borí*” (2008-2011), cuja performance foi adquirida pelo Programa de Patronos da Arte para o acervo da Pinacoteca, com doze grandes fotografias do ritual de fazer a cabeça ou “borí”, representando cada um dos 12 orixás do xirê. No dia 11 de agosto, o espaço Octógono, no edifício da Pinacoteca Luz, será palco do ritual sagrado, com duração de cerca de duas horas, conduzido pelo artista, com a presença de músicos e 12 iniciados da religião africana.

Ayrson Heráclito na performance de *Borí* no Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, RJ, 2021

Foto: Divulgação



SOBRE O ARTISTA

Ayrson Heráclito (Macaúbas, Bahia, 1968) é professor universitário, historiador da arte, curador e ogã de Candomblé de matriz Jejê-Mahi. Sua trajetória artística inicia-se nos anos 1980 na Bahia. O artista se consolida, em seus cerca de 35 anos de trajetória, como um dos mais significativos nomes no Brasil a construir uma obra dedicada a elaborar ritos de cura, negociando outras relações com um passado nefasto, constantemente sacudido e ritualisticamente eliminado em banhos de ervas (“iwáè orí”) com águas frescas (“omi odò tó ñ sà”) ou no alimento oferecido às cabeças (“borí”), para que se mantenha o equilíbrio do corpo e do espírito.

SERVIÇO

AYRSON HERÁCLITO: YORÙBÁIANO

Curadoria:

Amanda Bonan, Ana Maria Maia e Marcelo Campos

Abertura: 2 de abril, sábado, às 11 horas

Período expositivo: 2 de abril a 22 de agosto

Local: Pinacoteca Estação

Endereço: Largo General Osório, 66, Luz, SP

Horários de funcionamento:

10 às 18 horas, de segunda a sábado

Telefone: (11) 3335 4990

Entrada gratuita

<https://pinacoteca.org.br/>

Ayrson Heráclito, *Odé com Ofá,*
da *Série Banhistas*, 2007

Foto: Divulgação



LOUISE BOURGEOIS: THE WOVEN CHILD

Primeira grande retrospectiva da lendária artista com foco exclusivo em seu trabalho com tecidos e têxteis



*Sempre tive um fascínio pelo poder mágico da agulha.
A agulha é usada para reparar o dano.
É uma reivindicação de perdão.*
Louise Bourgeois

Texto e fotos: Maria Hermínia Donato

Voltei a Londres. Sempre preciso de uns dias no “tanque de despressurização” me aclimatando às diferenças. Depois de avaliar as perdas e ganhos do ir e vir entre meus dois países, fui com duas amigas ver a fantástica exposição “*Louise Bourgeois: The Woven Child*” (*Louise Bourgeois: A criança tecida*).

Sua retrospectiva na Tate Modern ocorreu há 15 anos; seu falecimento – aos 99 anos – há quase 12.

Nas últimas duas décadas de sua carreira, Louise Bourgeois incorporou os tecidos em sua arte: roupas de todas as fases de sua vida e de seus familiares, roupa de cama, lenços, tapeçarias e bordados. Louise era uma renomada acumuladora de objetos e coisas.

As instalações monumentais, esculturas figurativas e colagens abstratas, enfatizam a importância da presença têxtil nos últimos anos de vida da artista.

Sua família tinha um ateliê de restauração de tapeçaria; junto à mãe, Louise começou a trabalhar aos 11 anos, desenhando pés e outras partes do corpo que faltavam para as bordadeiras incluírem no restauro das peças.



Movimentando a agulha por seu passado traumático, sua experiência pessoal e emoções, Bourgeois costura o presente com memórias de eventos e pessoas de seu passado na busca de uma reparação.

Um dos primeiros que vi foi *Untitled* (1996), com peças finas de lingerie cor de rosa e marfim, da artista e de



Untitled, 1996

sua mãe, suspensas como fantasmas que se movem com a passagem das pessoas.

Junto, também suspensos, estão um vestido preto bordado e uma blusa de seda, ambos com algum enchimento criando a ilusão de um corpo. Seduzida pela beleza e sensualidade, me aproximo e vejo que

os cabides são feitos de ossos de vaca grosseiros. Pega pela surpresa, sorri. Ah! a intensidade e dualidade de emoções sempre presente em seu trabalho.

Para Bourgeois as roupas eram como páginas de um diário, por guardarem memória de pessoas, lugares e eventos, além das lembranças do seu próprio corpo.

Na base da escultura li as seguintes palavras gravadas no metal: *Seamstress, Mistress, Distress, Stress* (costureira, senhora, angústia, estresse) – palavras referentes a sua história familiar. A traição do pai com Sandie, jovem governanta considerada uma amiga por Louise, a morte de sua mãe quando era jovem, e seu relacionamento com os filhos são revisi-

tados por Bourgeois várias vezes. Os sentimentos de raiva, ciúme, abandono, dor e ansiedade são a matéria bruta a ser trabalhada. Para ela, a arte estava ligada à sua experiência pessoal, através da qual ela explorava as profundezas de suas emoções.

**CELL XXV
(THE VIEW OF THE WORLD OF THE JEALOUS WIFE),
2001**

O significado de *Cell* é um jogo de palavras em inglês: cárcere, ideia de isolamento ou aprisionamento, e célula, unidade biológica que constitui o corpo. Louise a chama de “*escultura ambiental*”, para representar temas de trauma, memória e arquitetura.

As *Cells* são construções para guardar seus pertences, e a proposta era de fossem abertas para que as pessoas entrassem nelas; infelizmente, os museus e galerias não permitem. Num texto publicado em 1991, pelo Museu Carnegie, Pittsburg, para Louise Bourgeois, *Cells* representam diferentes tipos de dor: física, emocional e psicológica, mental e intelectual. Cada *Cell* lida com medo. Medo é dor.

CELL XXV

Bourgeois expõe três de suas próprias roupas vestidas em manequins de costureira: um impressionante vestido de festa azul; um vestido de dia branco estampado e uma blusa curta, cercada por um anel flu-



Cell XXV

tuante de pedaços de vidro azul em forma de sino. Duas grandes esferas de mármore branco estão posicionadas no chão que alinhadas com o vestido de cor clara, criam uma composição fálica no centro da obra. Este trabalho reflete o interesse de Bourgeois no efeito distorcido do ciúme no relacionamento de uma pessoa com as outras.



Spider, 1997

SPIDER, 1997

A aranha, presente na obra de Bourgeois desde as décadas de 1990, simboliza sua mãe tecelã, sempre ocupada tentando consertar coisas, e sua própria identidade como artista. Aqui há uma seleção de objetos pessoais pendurados: perfume Shalimar (o seu favorito), um medalhão, um cronômetro dando uma atmosfera de recolhimento e tempo perdido.

Bourgeois disse: *“Eu venho de uma família de reparadores. A aranha é uma reparadora. Se você bater na teia de uma aranha, ela não fica brava. Ela tece e conserta.”*

Na série de colagens de tecido, Bourgeois recorta, reposiciona e costura peças de roupas listradas e estampadas em círculos que se cruzam. Caleidoscópio ou teias de aranhas (metáfora visual do seu processo criativo)? Apesar do formalismo, o uso de materiais domésticos traz associações com a memória e o corpo.

SUA ÚLTIMA OBRA – UNTITLED 2010

Criado nos meses que antecederam sua morte, *Sem título* (2010) incorpora uma coleção de boinas da própria artista estofadas e expostas em cima de um grande torso sem braços sobre uma plataforma de aço. As boinas lembram seios e paisagens montanhosas, mas também parecem abstratas e enigmáticas em sua forma. O nítido contraste do tecido macio contra a superfície de aço, sobre a qual repousam, reflete o inte-

resse de Bourgeois em conciliar os opostos aparentes: duro e macio, geométrico e orgânico, trauma e reparação, figuração e abstração.

Minha amiga Christie Brown, artista e professora emérita de cerâmica na Universidade de Westminster, em Londres, que me acompanhou à galeria, teve o privilégio de visitar o *“Sunday Salon”* de Louise Bourgeois.

Aqui incluo trechos do texto (não publicado) escritos após sua visita em 2006.



Da série *colagens de tecidos*

“Essa extraordinária tarde começa às três horas em ponto do lado de fora do número 242 West 24th Street, NY. Estou esperando, com um grupo de artistas, o momento de poder frequentar o salão de domingo de Louise Bourgeois. Eu estava em Nova York há quase três meses, chegando ao fim de uma residência no Hunter College. E, embora eu conhecesse os seus salões, não me ocorreu que uma artista comum e desconhecida pudesse participar desses eventos... Às 15h, a porta se abre e uma mulher de cabelos escuros com sotaque francês nos convida para entrar e nos orienta pelo corredor estreito até a sala dos fundos. A casa parece parada no tempo, um tom acinzentado sobre a pintura antiga. Há muito não vê um decorador, mas sua pobreza é atraente, e a sala dos fundos, com seus móveis antigos e portas de vidro fechadas que ligam à cozinha, tem um toque distintamente europeu...

.....Então chega minha vez. Meu coração bate mais forte.

Cuidadosamente, tiro meu pequeno grupo de animais/humanos de terracota e os coloco em sua caixa, explicando que venho da Inglaterra, que estou trabalhando no Hunter College e que meu trabalho muitas vezes faz referência à arte egípcia, explorando ideias em torno da continuidade, arqueologia e psicanálise. "Do que é feito?" Louise me pergunta. "É barro, Louise," eu digo. "E é queimado no forno?", indaga Louise. "Sim, sim, é isso", confirmo. "É muito bom, eu gosto", conclui

Bourgeois, que me dá nota 9. "Não se apresse", ela diz enquanto eu embrulho o trabalho às pressas. E assim foi o meu breve encontro com minha mãe criativa. Tão feliz por estar aqui. Tempos depois, eu li em algum lugar que Louise detesta cerâmica."

<http://www.christiebrown.co.uk/>

SERVIÇO

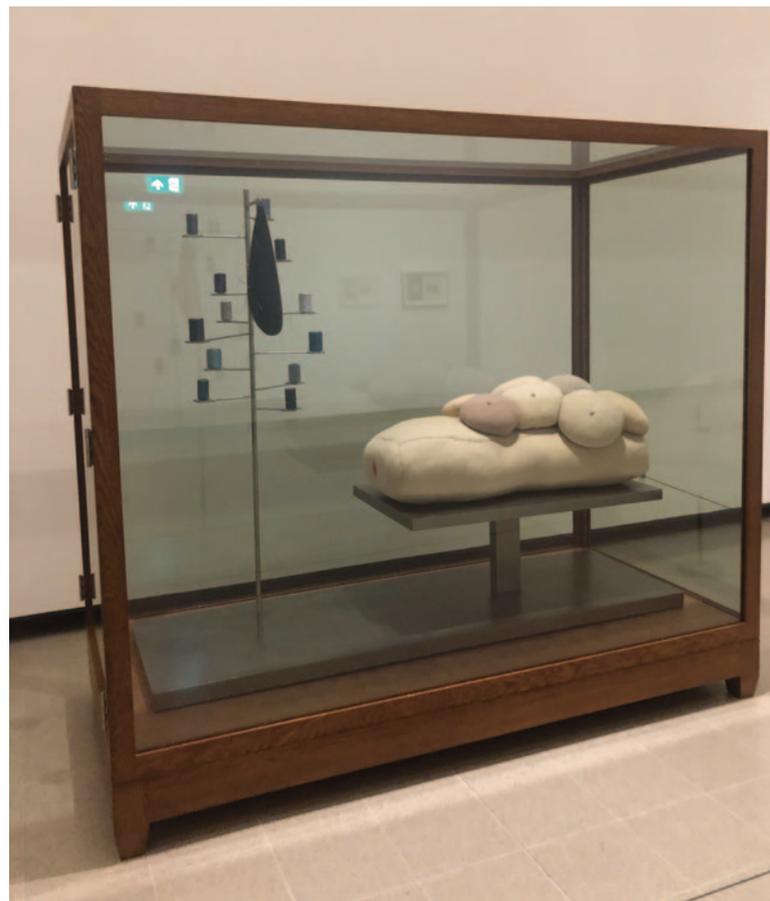
LOUISE BOURGEOIS: THE WOVEN CHILD

Galeria Hayward, Londres

ola@southbankcentre.co.uk

Até 15 de maio

[Louise Bourgeois: The Woven Child](#)



Untitled, 2010



Oxigene seu negócio.
Aqui você só encontra notícias boas.
Revista mensal, online e gratuita.



SOLICITE NOSSO MÍDIA KIT
oxigeniorevistabr@gmail.com

OXIGÊNIO
revista